



Notas da Semana - Economia e Mercados Financeiros

1. Economia e Mercados Financeiros

1.1 Economia

Portugal. O indicador de **confiança dos consumidores** registou, em março, um aumento de -25.8 para -20.2 pontos, o melhor registo desde abril de 2020. Esta evolução resultou do contributo positivo de todas as componentes, sobretudo das *expectativas relativas à evolução futura da situação económica do país*, bem como das *expectativas relativas à evolução futura da realização de compras importantes*. Ao nível empresarial, o indicador de confiança, **clima económico**, aumentou em março, contrariando a redução observada no mês anterior. A confiança aumentou na *indústria transformadora*, no *comércio* e nos *serviços*, enquanto o dado da *construção e obras públicas* permaneceu inalterado. À semelhança da Área Euro, o incremento da confiança no setor dos serviços foi o mais significativo, cerca de 8.0 pontos.

Área Euro. O indicador de **Sentimento Económico** divulgado pelo *Eurostat* registou em março um aumento de 7.6 pontos, o melhor resultado em dez meses. O dado passou de 93.4 para 101.0 pontos, o nível mais elevado desde o início da pandemia, tendo regressado a terreno associado a crescimento positivo. O nível de confiança aumentou em todos os setores. Destaque para a *manufatura*, onde o respetivo indicador regressou igualmente a terreno positivo, embora o incremento maior tenha acontecido nos serviços onde o dado subiu 7.7 pontos (à semelhança de Portugal). Todos os principais países da AE registaram um incremento do indicador de sentimento. Entre os principais países, destaque para o incremento na Alemanha, a maior variação mensal desde que a série é publicada. O aumento mensal (+7.6 pontos) elevou o indicador português para o valor mais elevado desde março de 2020.

A **leitura preliminar da inflação no consumidor** de março, divulgada pelo *Eurostat*, mostrou uma variação homóloga de 1.3%, inferior aos 1.4% previstos, após 0.9% em fevereiro. Ao contrário do esperado, a variação do *índice subjacente (excluindo os efeitos da alimentação e da energia)* diminuiu de 1.1% para 0.9%.

França, Bélgica e Suíça. O indicador de **confiança dos consumidores das famílias francesas** registou em março um desempenho acima do esperado ao passar de 91.0 para 94.0 pontos (expectativa de 91.0), o melhor resultado em três meses. Esta melhoria deveu-se à recuperação de quatro pontos da componente relativa às *expectativas*, tendo as *condições presentes* permanecido sem alteração. Na **Bélgica**, o indicador de **clima económico** (confiança empresarial) apresentou um ganho de mais de três pontos pelo segundo mês. A leitura (1.0) corresponde à mais elevada desde março de 2019. Na **Suíça**, o mesmo indicador (**KOF leading indicator**) averbou um ganho de 15.2 pontos, cifrando-se no nível mais elevado desde julho de 2010.

Alemanha e Espanha. De acordo com dados preliminares, a inflação homóloga no consumidor na Alemanha fixou-se em 1.7% no mês de março, após 1.3% em fevereiro. Esta leitura foi a mais forte desde fevereiro do ano passado. O índice harmonizado, relevante para a política do BCE, aumentou para 2.0%, após 1.6% em fevereiro, devido principalmente ao aumento dos preços da energia, enquanto outras rubricas se encontram ainda distorcidas pelos bloqueios e pelos preços imputados, uma vez que muitos bens e serviços não foram transacionados durante meses. As interrupções na cadeia de suprimentos, os preços mais altos dos transportes internacionais de mercadorias, os problemas de oferta de semicondutores deixam antever um incremento dos preços ao produtor nos próximos meses, pressionando os preços ao consumidor. Se a isso se adicionar a reversão da taxa de IVA na Alemanha no verão passado, torna-se clara a trajetória esperada da inflação no sentido ascendente. Em **Espanha**, a variação homóloga do IPC registou igualmente um aumento superior ao previsto, ao passar de 0% para 1.3%, um novo máximo desde abril de 2019. Importa sublinhar que quer na Alemanha, quer em Espanha, a *variação homóloga da inflação subjacente* permaneceu inalterada em 1.4% e 0.3% em março.

EUA. O indicador **S&P/Case-Shiller US National Home Price Index** registou ainda em janeiro uma valorização de 1.2%, em cadeia, o sexto mês consecutivo em que o crescimento permaneceu acima de 1 p.p.. O mercado habitacional norte-americano continua a assistir a valorizações consideráveis. A respetiva variação homóloga subiu no mês em análise de 10.2% para 11.1%, o registo mais elevado desde abril de 2014. A tendência de aceleração dos preços que começou em junho de 2020 atingiu o

seu oitavo mês. Saliente-se que a dinâmica do mercado tem uma base ampla: todas as 20 cidades que constituem o índice registaram um crescimento homólogo dos preços.

O indicador do **Conference Board** respeitante à confiança dos consumidores norte-americanos registou em março uma melhoria significativa (+19.3 pontos), tendo passado de 91.3 para 109.7 pontos. A leitura ascendeu ao nível mais elevado desde março de 2020, embora permaneça cerca de 23 pontos abaixo de fevereiro de 2020. A melhoria do indicador deveu-se à subida quer da *componente presente*, quer das *expetativas*, em ambos os casos de forma expressiva (~20 pontos). A rubrica referente às *expetativas de inflação* voltou a aumentar, fixando-se no patamar mais elevado em dez anos.

Comércio Internacional. A Organização Mundial do Comércio reviu em alta (8.0%) a projeção de crescimento do comércio mundial em 2021 (contraíu 5.3% em 2020). O valor projetado para 2022 corresponde a 4.0%.

1.2 Mercados Financeiros - 1.º Trimestre de 2021

Nos mercados financeiros, o primeiro trimestre de 2021 ficou marcado pelo crescente otimismo dos investidores em relação à recuperação da economia mundial, de forma mais vincada no bloco dos países desenvolvidos, onde os programas de vacinação se encontram numa fase mais avançada.

Nos EUA, o aumento da confiança foi traduzido na subida dos respetivos indicadores para máximos históricos, suportada por planos de ajuda orçamental mais robustos introduzidos pela nova administração Biden.

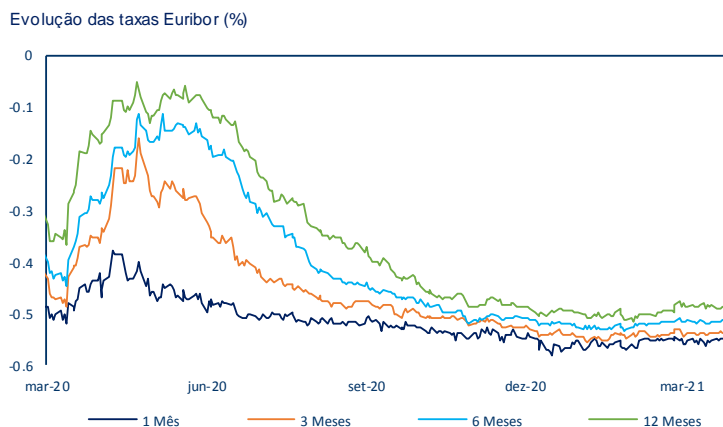
A nível europeu, a maior incerteza resultante de novas vagas da pandemia e a implementação de novos confinamentos traduziram-se na estabilização das *expetativas de inflação*, levando ao aumento do diferencial das taxas de juro de longo prazo face à *yield* norte-americana, acompanhado pela apreciação do dólar face à moeda europeia.

No **mercado monetário**, as taxas Euribor não registaram alterações significativas nos últimos três meses em todos os prazos de referência.

Desde o início de novembro de 2020 que se tem assistido à normalização das taxas de curto prazo nos níveis atuais, após os investidores terem descontado o reforço dos pacotes de estímulos monetários introduzidos na reunião do BCE de dezembro, dado que a manutenção de condições favoráveis de financiamento e liquidez é um dos principais objetivos do banco central.

Verificou-se um aumento marginal de 0.7 e 1.7 p.b. nos prazos intermédios de 3 e 6 meses, com as taxas a fixarem-se em -0.538% e -0.509%, respetivamente. Nos 12 meses, a taxa averbou também um acréscimo, de 1.5 p.b. (-0.484%), enquanto no prazo mais curto de 1 mês, o movimento foi contrário com uma variação negativa de 0.2 p.b. (-0.556%), levando a inclinação da curva de curto prazo a aumentar para 7.2 p.b..

A curva de futuros da Euribor a 3 meses registou um aumento em todas as maturidades até dezembro de 2025 (+31.0 p.b., para +0.01%), permanecendo em valores negativos até ao final de 2024.



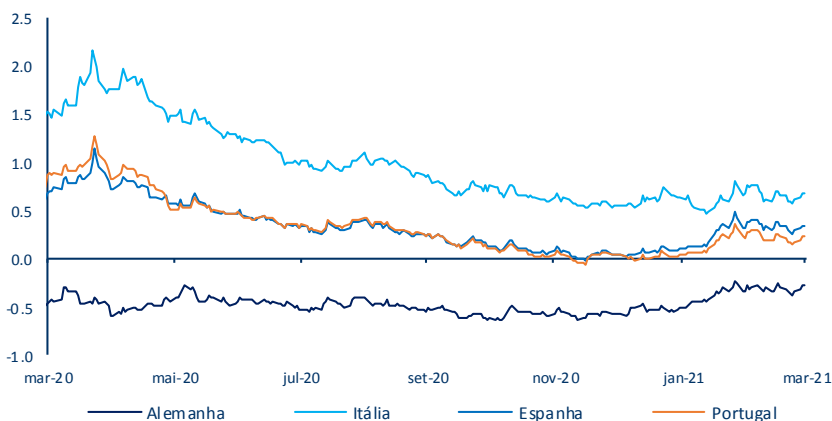
As *yields* das **obrigações de dívida soberana europeia** terminaram o primeiro trimestre com subidas generalizadas. A preferência por outras classes de ativos menos defensivas face ao sentimento de maior exposição ao risco foi suportada pela maior confiança na recuperação da economia já este ano, mesmo tendo em consideração os novos confinamentos impostos em fevereiro e março. Após o anúncio do BCE da intenção de acelerar o ritmo de compras observou-se uma correção das taxas.

As taxas de juro a 10 anos registaram uma variação positiva de 30 p.b. em média durante este período. A *yield* de Itália encerrou com um acréscimo de 13 p.b. (+0.67%), fruto de alguma instabilidade política, que culminou na designação de um novo governo liderado por Mario Draghi, enquanto no Reino Unido o aumento foi maior (+63 p.b.).

Na Alemanha, a variação foi de +28.4 p.b. (-0.29%), enquanto em Portugal o incremento de 20 p.b. elevou a taxa para +0.23%, com o *spread* face à Alemanha a estreitar 8.4 p.b. cifrado em 51.5 p.b., muito perto do valor mínimo anual de janeiro (49 p.b.).

Nos **EUA**, a inclinação da curva de rendimentos aumentou muito mais que na Europa, beneficiando do ritmo de recuperação económico e revisão das projeções em alta, acompanhado de maiores expectativas de inflação, apesar da *Fed* não ter demonstrado, para já, a intenção de atuar via agravamento das condições financeiras. As *yields* a 10 e 30 anos registaram aumentos de 80.8 e 73.7 p.b., para 1.72% e 2.38%, tendo atingido os máximos de janeiro de 2020 e agosto de 2019, respetivamente. A inclinação da curva de rendimentos manteve a tendência de incremento iniciada em agosto de 2020, com a diminuição da incerteza, tanto a nível económico, com a introdução de apoios fiscais a empresas e famílias, como em resultado da estabilização das políticas e das notícias positivas em torno das vacinas e da eficácia das terapêuticas.

Europa: Taxas de dívida soberana a 10 anos (%)



EUA: Evolução das taxas de rendibilidade das obrigações soberanas - %



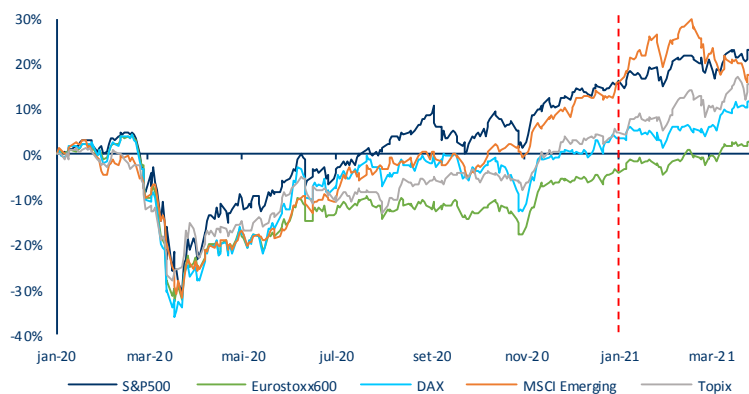
Nos **mercados de crédito**, os movimentos foram menos acentuados do que nas obrigações soberanas. O contexto de subida de *yields* influencia diretamente as emissões corporativas atendendo ao nível de risco, mas as perspetivas de recuperação rápida de muitos setores, assim como o reforço de compras por parte do BCE, vieram compensar parcialmente o agravamento dos *spreads*, que nas obrigações de investimento especulativo aumentaram 15.2 p.b. para 258 p.b., assim como as de *rating* superior (+5.1 p.b.) para 53 p.b..

Nos **mercados acionistas** assistiu -se a um clima de maior otimismo suportado pelas expectativas de retoma da atividade económica e levantamento total das restrições e confinamentos até ao final do ano, levando à continuação da tendência de valorização com que os principais índices terminaram 2020. O nível de incerteza e volatilidade caiu substancialmente, sobretudo nos países desenvolvidos. Nos EUA, a melhoria das perspetivas para a economia norte-americana, face ao forte estímulo fiscal e à evolução da pandemia e o ritmo acelerado de distribuição das vacinas, levou à revisão em alta do crescimento do PIB para o ritmo mais forte dos últimos 40 anos. O *Russel2000* e o *Dow Jones* destacaram-se com uma subida de 11.2% e 8.1% no primeiro trimestre, enquanto o *Nasdaq* (índice tecnológico) registou uma variação ligeira de 1.2%, normalmente um setor mais dependente de alavancagem financeira e do nível de *yields*, que têm aumentado.

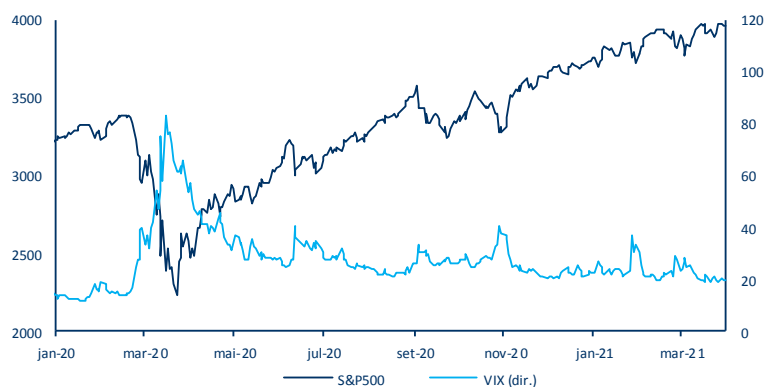
Na Europa, o *Eurostoxx600* valorizou 8.1%, liderado pelo *MIB* italiano (+11.3%), para além dos ganhos acentuados do *DAX* alemão e do *CAC* francês, ambos com +9.4%, apesar da maior instabilidade nas empresas fornecedoras de serviços. Em termos setoriais, destaque para a recuperação de alguns dos setores cíclicos e mais afetados pela crise pandémica, nomeadamente o setor *automóvel* (+24.4%), os *bancos* (+20.0%) e *lazer e viagens* (+19.8%).

Nos mercados emergentes, o *MSCI* encerrou com um ganho de 2.2%, um comportamento mais volátil face à apreciação do dólar na segunda metade do trimestre, mas também devido ao agravamento da pandemia em algumas regiões. Destaque mais negativo para o *BIST* da Turquia (-12.8%), devido à instabilidade política.

Evolução dos principais índices acionistas (base=dez/09)



EUA: S&P500 e Volatility Index (VIX)



Nos **mercados cambiais**, o dólar e a libra foram as moedas que mais apreciaram no primeiro trimestre, impulsionadas pela esperança numa retoma mais rápida e beneficiando do diferencial de *yields* face à moeda europeia. O dólar apreciou 4.1% face ao euro, devido aos estímulos diretos à economia, atingindo o máximo desde novembro de 2020. A libra apreciou 4.9%, neste caso, tendo chegado a atingir o valor mais elevado desde fevereiro de 2020, após o alívio no início do ano na sequência do *soft Brexit*.

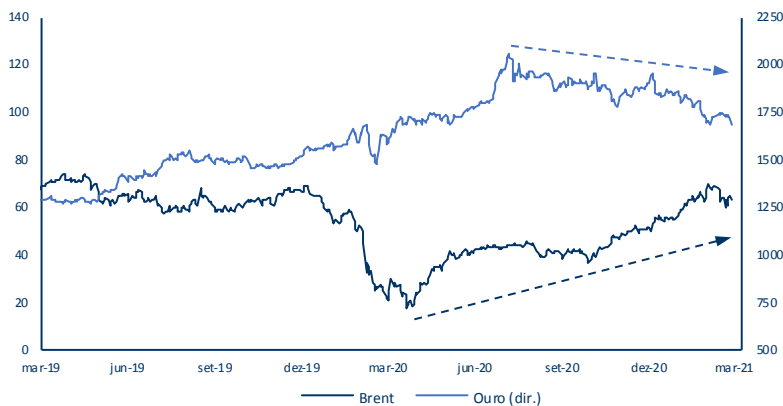
Nas **matérias-primas**, a cotação do petróleo subiu mais de 20% no trimestre, tendo chegado a recuperar a totalidade das perdas observadas em 2020, justificado pelas revisões em alta do crescimento mundial e pelo aumento da procura energética, assim como a manutenção de cortes de produção por parte da OPEP. O *brent* e o *crude* fixaram-se em \$63.3 e \$60.6/barril.

Nos metais preciosos, destaque para a queda de 11.1% e 8.8% do ouro e da prata, reflexo da apreciação do dólar norte-americano e da preferência dos investidores por ativos de maior risco, encerrando este período em \$1687.9 e \$24.1/onça, respetivamente.

Evolução cambial do euro contra o dólar norte-americano e a libra inglesa



Evolução da cotação do Brent (\$/bbl) e do ouro (\$/onça)



2. Temas da semana

2.1 Perspetivas económicas para o segundo trimestre de 2021

A conjuntura económica caracteriza-se, na transição do primeiro para o segundo trimestre de 2021, por um desempenho ainda divergente entre as economias da Área Euro e dos EUA. As últimas duas semanas foram marcadas por indicadores de confiança e de atividade os quais não só bateram as expectativas, como os resultados foram genericamente melhores do que os registos anteriores. Para além disso, desde há vários meses regista-se uma tendência de revisão em alta dos valores anteriores.

O otimismo revelado por empresários, investidores e analistas reside, em boa parte, na trajetória dos indicadores económicos. Se por um lado as últimas semanas trouxeram um incremento dos novos casos de *Covid-19* em alguns países europeus, por outro, há a destacar os avanços ao nível da vacinação, sobretudo a expectativa de que o ritmo da inoculação na Europa acelere nos próximos meses, o que permitiria antecipar uma reabertura progressiva das economias. Adicionalmente, os próximos meses deverão tornar mais visíveis os efeitos dos fortes estímulos fiscais, não só nos EUA,

como também na Área Euro. Neste capítulo é preciso, no entanto, ter noção da diferença de magnitude dos estímulos norte-americanos e europeu: no primeiro caso, em conjunto, os três pacotes de estímulos aprovados devido à pandemia acenderam a cerca de 24% do PIB, um montante bastante superior aos 8% do PIB na UE (embora este valor não inclua as garantias estatais e o fundo de recuperação - entre 7% e 8% do PIB a realizar até 2026).

Em termos globais, a projeção de crescimento económico mundial aponta para um valor, para o segundo trimestre do ano, correspondente ao dobro do registado no primeiro trimestre (em cadeia).

Após a contração há muito esperada da atividade económica durante o primeiro trimestre do ano, o crescimento da Área Euro deverá a partir do segundo trimestre voltar a terreno de expansão, auxiliado pelas perspetivas de retoma do resto do mundo, bem como da redução das restrições à atividade em diversos setores.

Em maior detalhe, as perspetivas de melhoria da economia global a partir da primavera assentam:

- ✓ num **aumento do consumo global**, liderado pelos EUA, projeção que se baseia, em parte, nos valores elevados da poupança e das transferências de rendimento do Estado para as famílias, com reflexo no comércio global e na recuperação das economias emergentes. Importa ainda sublinhar a dinâmica de crescimento da China, para além da gradual melhoria, a nível global, das atividades relacionados com o turismo e com o lazer;
- ✓ a **necessidade de substituir e renovar capital** para dar resposta aos problemas que criados pela pandemia ao nível das cadeias de suprimento, deverá conduzir a um renascimento do contributo do investimento fixo, sobretudo na Ásia.

Neste ciclo, as políticas económicas (monetária e fiscal) deverão permanecer acomodáticas durante mais tempo do que nos ciclos económicos anteriores, podendo criar condições para o aparecimento de pressões inflacionistas. Os discursos dos responsáveis dos bancos centrais continuam a enfatizar a necessidade de apoiar o crescimento com condições financeiras expansionistas. O cenário principal dos bancos centrais, instituições supra-nacionais, como o FMI e a OCDE e analistas continua a ser de um *overshoot* moderado da inflação ao longo de 2021.

No trimestre que agora começa, as projeções deverão manter uma tendência de melhoria. Já na primeira semana, o Fundo Monetário Internacional irá atualizar e rever em alta as projeções de crescimento global, em resultado da melhoria das perspetivas de crescimento para a China e, sobretudo, para os EUA. Em janeiro, o FMI estimou o crescimento global em 2021 em 5.5%. A diretora-geral deu recentemente a entender que a estimativa para o ritmo de expansão em 2022 também será maior do que a previsão anterior.

Os próximos meses serão marcados igualmente pelo incremento da inflação no consumidor. Em contraste, as projeções do BCE apontam para uma relativa estabilidade da inflação subjacente. Desta forma, o aumento da inflação será causado por uma confluência de elementos relacionados com a pandemia, como a postecipação da época de saldos que ocorrem geralmente em janeiro, a alteração dos pesos dos cabazes dos preços e os efeitos da normalização da taxa de IVA da Alemanha - desde janeiro que a taxa regressou a nível anterior pandemia, após a descida temporária decretada em julho de 2020 e que fez com que a inflação tivesse descido no segundo trimestre de 2020 (efeito base desfavorável na segunda metade de 2021). Estes elementos, assim como outros, relacionados com um efeito base devido aos preços baixos do *brent* registados em abril de 2020 farão com que a inflação europeia seja de mais volátil e de difícil análise em 2021.

Após o segundo trimestre, e nos trimestres seguintes, confirmado o regresso da economia global a território de expansão, a discussão em torno da sustentabilidade desse crescimento deverá ganhar peso, em função dos receios em torno do incremento da inflação, do aumento das taxas de e das eventuais preocupações com a possibilidade de um sobreaquecimento das economias.

2.2 EUA – proposta de plano de investimentos em infra-estruturas

A administração norte-americana apresentou esta semana, em Pittsburgh, as linhas gerais e os objetivos de um **plano de investimentos em infra-estruturas** que pode ascender a cerca de \$2.25 trilhões (10.5% do PIB). Trata-se, como foi descrito, de um plano abrangente que pretende ter um impacto significativo em setores como os transportes, energias renováveis, na indústria, bem como reforçar os esforços de combater às alterações climáticas. O financiamento terá por base a reversão de parte da descida de impostos que beneficiaram as empresas durante a vigência da anterior administração. O plano de investimentos terá um horizonte de oito anos e segue-se ao pacote de estímulos de \$1.9 trilhões recentemente aprovado. De sublinhar que a Casa Branca planeia ainda um terceiro pacote, que pode ascender até \$1 trilhões, com previsível anúncio no final de abril, concentrado em medidas sociais, incluindo a expansão da assistência médica, o acesso a licenças remuneradas e a ampliação do crédito fiscal infantil.

No que concerne ao financiamento do plano de investimentos em infra-estruturas, a administração norte-americana pretende aumentar o imposto sobre os lucros das empresas de 21% para 28%. Para além disso, no plano encontra-se igualmente previsto uma alteração sobre o imposto mínimo sobre os lucros que as empresas obtêm no exterior: a taxa passará de 13% para 21%. Os principais elementos do plano são:

Transportes

O plano prevê gastos de \$620 bn. no setor dos Transportes. Nesta linha estão incluídas \$115 bn. para melhoria de pontes, linhas férreas e estradas e \$20 bn para segurança no trânsito. A melhoria das estradas e das rodovias irá abranger mais de 32 000 kms. O plano inclui ainda \$85 bn para modernizar os sistemas de transporte público e \$80 bn para a empresa de transporte ferroviário Amtrak. O plano, relativamente aos transportes, prevê ainda \$25 bn. para aeroportos e \$17 bn em portos marítimos portos, vias interiores navegáveis interiores e balsas.

Veículos elétricos

O financiamento dos transporte direciona especificamente \$174 bn para a aquisição de veículos elétricos, incluindo descontos nas vendas e incentivos fiscais para que os consumidores comprem carros de origem americana. Serão fornecidos subsídios aos governos estaduais e locais e ao setor privado para a criação de 500.000 estações de recarga até 2030. O plano contempla ainda gastos para eletrificar autocarros escolares e veículos federais, com destaque para caminhões dos Correios Federais.

Pesquisa e desenvolvimento

O plano inclui \$180 bn direcionados para a modernização de infraestrutura de pesquisa e laboratórios em universidades e agências federais. O financiamento também será direcionado à pesquisa em ciências do clima e ao tratamento das desigualdades raciais e de género nos campos da ciência, matemática e tecnologia.

Impulso à indústria

Os incentivos ao setor industrial ascendem a \$300 bn e pretendem impulsionar a indústria americana através de uma série de iniciativas bipartidárias que o líder da maioria no Senado Chuck Schumer havia já planeado para para esta primavera. A proposta a apresentar ao Congresso admite um investimento de \$50 bn para o aumento da produção e pesquisa de semicondutores - conforme previsto pela *CHIPS Law*.

Há também gastos previstos de \$50 bn para a *National Science Foundation* criar uma unidade de tecnologia, e o mesmo montante para criar um nova estrutura no Departamento de Comércio dedicada a monitorar a capacidade industrial doméstica e financiar investimentos para apoiar a produção de bens essenciais.

Rede elétrica

Ao nível da modernização da rede elétrica nacional, o plano tem orçamentado \$100 bn para reforço da sua qualidade. Propõe igualmente uma extensão de 10 anos e redução gradual de um crédito fiscal de investimento expandido e reembolsável e crédito fiscal de geração e armazenamento de energias renováveis. A meta é atingir uma energia 100% livre de poluentes de carbono até 2035. O plano direciona ainda \$16 bn para a limpeza de minas abandonadas e poços de gás.

Os gastos para “*transformação da economia norte-americana*” incluem ainda o incremento de gastos e investimentos em outras áreas como: limpeza de caudais e reservatórios de água, instalações de captura de carbono, aumento e reforço da qualidade da internet - banda larga, financiamento para habitação e incentivos fiscais, melhoria das escolas públicas e creches, e modernização de hospitais e clínicas no âmbito do *Veterans Affairs*.

3. Anexo de Informação Financeira

(1.º Trimestre de 2021)

MERCADO MONETÁRIO

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):		
	31-dez-19	31-dez-20	26-mar-21	31-mar-21	2020	1Q/2021	Semana
EURIBOR Act/360 dias							
1 mês	-0.438	-0.554	-0.550	-0.556	↓ -0.116	↓ -0.002	↓ -0.006
3 Meses	-0.383	-0.545	-0.537	-0.538	↓ -0.162	↑ 0.007	↓ -0.001
6 Meses	-0.324	-0.526	-0.514	-0.509	↓ -0.202	↑ 0.017	↑ 0.005
12 Meses	-0.249	-0.499	-0.489	-0.484	↓ -0.250	↑ 0.015	↑ 0.005
LIBOR USD Act/360 dias							
LIB 1 mês	1.763	0.144	0.107	0.109	↓ -1.619	↓ -0.035	↑ 0.001
LIB 3 meses	1.908	0.238	0.199	0.203	↓ -1.670	↓ -0.036	↑ 0.004
LIB 6 meses	1.912	0.258	0.203	0.203	↓ -1.655	↓ -0.055	↓ 0.000
LIB 12 meses	1.996	0.342	0.281	0.282	↓ -1.654	↓ -0.060	↑ 0.001

OBRIGAÇÕES DE GOVERNO - 10 anos

	Valor observado (%):				Variação (p.p.):		
	31-dez-19	31-dez-20	26-mar-21	31-mar-21	2020	1Q/2021	Semana
Portugal	0.442	0.030	0.174	0.230	↓ -0.412	↑ 0.200	↑ 0.056
Espanha	0.468	0.047	0.287	0.342	↓ -0.421	↑ 0.295	↑ 0.055
Grécia	1.468	0.628	0.863	0.865	↓ -0.840	↑ 0.237	↑ 0.002
Itália	1.412	0.543	0.618	0.673	↓ -0.869	↑ 0.130	↑ 0.055
França	0.118	-0.338	-0.102	-0.043	↓ -0.456	↑ 0.295	↑ 0.059
Alemanha	-0.185	-0.569	-0.346	-0.285	↓ -0.384	↑ 0.284	↑ 0.061
Reino Unido	0.822	0.197	0.757	0.827	↓ -0.625	↑ 0.630	↑ 0.070
Suíça	-0.471	-0.550	-0.310	-0.268	↓ -0.079	↑ 0.282	↑ 0.042
EUA	1.918	0.913	1.676	1.721	↓ -1.004	↑ 0.808	↑ 0.045
Japão	-0.011	0.021	0.083	0.095	↑ 0.032	↑ 0.074	↑ 0.012

ÍNDICES ACIONISTAS

	Valor observado				Variação (%):		
	31-dez-19	31-dez-20	26-mar-21	31-mar-21	2020	1Q/2021	Semana
Eurostoxx 600	416	399	427	431	↓ -4.0%	↑ 8.1%	↑ 1.0%
IBEX	9549	8074	8498	8632	↓ -15.5%	↑ 6.9%	↑ 1.6%
CAC	5978	5551	5989	6075	↓ -7.1%	↑ 9.4%	↑ 1.4%
DAX	13249	13719	14749	15010	↑ 3.5%	↑ 9.4%	↑ 1.8%
FTSE	7542	6461	6741	6751	↓ -14.3%	↑ 4.5%	↑ 0.2%
PSI20	5214	4898	4837	4968	↓ -6.1%	↑ 1.4%	↑ 2.7%
S&P 500	3231	3756	3975	3959	↑ 16.3%	↑ 5.4%	↓ -0.4%
Nasdaq	8973	12888	13139	13045	↑ 43.6%	↑ 1.2%	↓ -0.7%
Topix	1721	1805	1984	1954	↑ 4.8%	↑ 8.3%	↓ -1.5%
MSCI Emerg	1115	1291	1307	1320	↑ 15.8%	↑ 2.2%	↑ 0.9%
Shanghai	3050	3473	3418	3442	↑ 13.9%	↓ -0.9%	↑ 0.7%

CÂMBIOS e MATÉRIAS-PRIMAS

	Valor observado				Variação (%):		
	31-dez-19	31-dez-20	26-mar-21	31-mar-21	2020	1Q/2021	Semana
EUR/USD	1.1213	1.2216	1.1794	1.1731	↑ 8.9%	↓ -4.0%	↓ -0.5%
EUR/JPY	121.77	126.18	129.34	129.83	↑ 3.6%	↑ 2.9%	↑ 0.4%
EUR/GBP	0.8459	0.8937	0.8551	0.8519	↑ 5.7%	↓ -4.7%	↓ -0.4%
EUR/CHF	1.0856	1.0812	1.1075	1.1063	↓ -0.4%	↑ 2.3%	↓ -0.1%
EUR/AOA	537.16	795.17	741.62	742.31	↑ 48.0%	↓ -6.6%	↑ 0.1%
EUR/MZN	69.12	91.50	82.67	79.72	↑ 32.4%	↓ -12.9%	↓ -3.6%
Petróleo (Brent \$)	66.42	51.17	63.69	63.27	↓ -23.0%	↑ 23.6%	↓ -0.7%
Ouro (\$)	1517.27	1898.36	1732.52	1687.91	↑ 25.1%	↓ -11.1%	↓ -2.6%
Prata (\$)	17.85	26.40	25.06	24.07	↑ 47.9%	↓ -8.8%	↓ -3.9%
Cobre (\$)	279.70	351.90	407.85	400.55	↑ 25.8%	↑ 13.8%	↓ -1.8%
Soja (\$)	943.00	1315.25	1400.50	1374.25	↑ 39.5%	↑ 4.5%	↓ -1.9%
Milho (\$)	387.75	484.00	552.50	539.50	↑ 24.8%	↑ 11.5%	↓ -2.4%

DISCLAIMER

Esta informação não constitui uma recomendação de investimento e não pode servir de base à compra ou venda de ativos nem à realização de quaisquer operações nos mercados financeiros assim como não deve ser considerado a base de qualquer tipo de contrato.

A presente informação incorpora a visão desenvolvida pela Caixa Geral de Depósitos e baseia-se em informação pública disponível e nas condições de mercados à data, proveniente de várias fontes que se creem credíveis, não sendo possível garantir que a mesma esteja completa ou precisa, estando sujeita a revisões, atualizações e alterações futuras sem aviso prévio. Não pode, assim, ser imputada qualquer responsabilidade à Caixa Geral de Depósitos por perdas ou danos causados pelo seu uso.

A informação contida neste documento é realizada com um objetivo informativo, sendo enviada como um instrumento auxiliar, não podendo servir de base a qualquer investimento que possa ser realizado.

Na preparação do presente documento não foram considerados objetivos de investimento, situações financeiras ou necessidades específicos dos clientes, não tendo existido na sua elaboração a adequação da informação a qualquer investidor efetivo ou potencial nem ponderadas circunstâncias especificadas de qualquer investidor efetivo ou potencial.

As rendibilidades divulgadas representam dados passados, não constituindo garantia de rendibilidade futura.

Não está autorizada a publicação, duplicação, extração e transmissão destes conteúdos informativos. A Caixa Geral de Depósitos não se responsabiliza por qualquer facto suscetível de alterar a integridade do conteúdo desta mensagem, resultante da sua transmissão eletrónica.